

A PROPÓSITO DE OFENSAS AOS MILITARES

CARLOS MAUL

Eu sei que não é esta Revista o lugar mais indicado para um pronunciamento que não seja relativo à cultura nas casernas. Mas sei, em contrapartida, que não existe nenhum impedimento a qualquer manifestação pessoal que envolva a liberdade de dizer o que, em determinadas circunstâncias e por motivos óbvios, encontra barreiras onde estas logicamente não deveriam de existir, mas existem, e não há agilidade humana que as transponha. Quando fui chamado a trabalhar na Biblioteca do Exército, vinte e seis anos são passados, o eminente soldado que me convocou e se chamava Valentim Benício da Silva, pediu apenas ao escritor e ao jornalista a colaboração de seu espírito à grande obra que então se iniciava e é hoje o que todos sabemos: uma fortaleza da inteligência que manobra com os engenhos intelectuais no mesmo campo em que se assentam os baluartes que garantem a perenidade da Pátria e a segurança das instituições democráticas. E a êste setuagenário que desde a adolescência, no convívio com as Classes Armadas, aprendeu a estimá-las, por conhecê-lhes de perto a alma e o sentido, nenhuma restrição se formulou quanto a pontos de vista individuais que acaso desejasse oferecer nas reuniões da Comissão e a qualquer pretexto. Assim, esta minha declaração se destina, exclusivamente, a ser conhecida de meus companheiros, que ao dar-lhe a atenção que dêles solicito, dirão se merece ser tornada pública.

Últimamente tornou-se moda na imprensa de vários matizes expressões em tom pejorativo diretamente endereçado aos chefes militares. Essas expressões quase sempre, constituem um agravo injusto e que em nada se afeiçoam aos elementos que representam nas fileiras do Exército o sentimento cívico, a consciência de nacionalidade, no seu grau mais alto. O mundo civil que escuta essas qualificações odiosas, ignora, entretanto, o que são, na realidade, êsses patrícios que elegeram a nobre profissão das armas como a mais adequada às suas inclinações patrióticas, aquelas que os definem como colunas mestras de uma nação. Mas que vem a ser, afinal, um dêsses militares tão rudemente

tratados pela perfídia de alguns e pela incompreensão de muitos? Simplesmente isto, sem o que as sociedades mergulhariam no caos: um curso de anos numa escola de aperfeiçoamento moral; o aprendizado da obediência, o culto da disciplina, o respeito às posições hierárquicas, para que mais tarde se possa ser obedecido; um começo de carreira onde não é lícita a escolha dos encargos nem a procura dos lugares aprazíveis. Sai o tenente da Academia para o quartel. Vai para os pequenos comandos. O Brasil é imenso, e tanto tem as zonas urbanas de vida confortável, como as inóspitas nas selvas longínquas, nos ambientes pestíferos em que as febres espreitam os organismos mais robustos. E o oficial não pode recusar-se às investiduras nas regiões perigosas. Como homem, organiza a sua família modesta nos limites de seus rendimentos precários. Nascem-lhe os filhos e ele precisa de educá-los. Atormentam-no vicissitudes bem mais penosas do que as que nos assaltam cá fora, porque ele não dispõe, como nós, de outra fonte de recursos para aumento de suas possibilidades econômicas. Anda sempre com a casa às costas, sem pouso definitivo. É promovido, sobe de posto, é capitão, é maior, é tenente-coronel, é coronel e alcança o generalato. Para isso, todavia, não lhe basta o tempo, porque novos setores de conhecimentos especializados lhe reclamam maiores esforços, maiores fadigas, redobrado empenho. E quando deveria supor, no ápice da carreira, que um tipo de existência mais cômoda seria o prêmio do longo sacrifício, eis que as missões de alto comando lhe impõem mais pesadas responsabilidades. Quarenta, cinqüenta anos, correram sobre esse caminhar sem descanso, e o recolhimento ao lar lhe mostra como recompensa única a velhice com dignidade e o consôlo íntimo da certeza de que cumpriu um dever que jurou cumprir à custa da própria vida, em nome da Pátria a que serviu e do regime de liberdade que manteve íntegro.

É verdade que perfeitos não serão todos, que a imperfeição é intrínseca na natureza humana. Mas a organização armada do país é perfeita na sua composição, e nela, já o afirmou um pensador antigo, "se não exercem empregos, mas se desempenha uma dignidade". E acrescentou em termos lapidares: "E enquanto os caracteres de uma nova raça não despontarem vivamente num forte nacionalismo por tanta maneira intenso que o sentimento de pátria resulte da unidade moral do povo, cumpre ao Exército alentar a solidariedade nacional pela garantia da solidariedade política, num extremoso ciúme da integridade na nossa terra."

Buscarei ainda no acervo opulento de quem muitas vezes se mostrou demasiadamente agressivo contra o espírito militar, argumentos em favor de minha tese. Extraio de um discurso de Rui Barbosa estes tópicos expressivos: "Não cortejarei a força armada, cujos desvios tenho reprovado com a mesma isenção com que lhe propugno os direitos. Não me arreceo, pois, de passar por está-la cortejando, se

disser, que, no íntimo d'alma, desejo com ardor a preservação e reconstituição dêsse elemento numa entidade respeitável; porque as nossas circunstâncias lhe reservam um destino assinaladamente nacional. Esta grande nacionalidade, que do Amazonas ao Prata se estende quase com uma só religião e sem nenhum dialeto, o regionalismo dô sistema federativo estragado pelas nossas enfermidades políticas ameaça dissolvê-la aceleradamente. Já não temos solidariedade nacional, movimentos nacionais, nomes nacionais. Só nos resta uma justaposição de Estados mutuamente estranhos e uma poeira de aldeias manipulada por interesses dispersos. A imagem da grande Pátria Brasileira se esvai à distância, numa longínqua saudade, rapidamente desbotada. Mas o Exército de terra e mar ainda é, graças a Deus, nacional. Ergamos-lhe os sentimentos, retemperando-o no metal austero dos deveres da sua vocação, e será um poder invencível de união entre nós, uma armadura de aço, em cujas malhas a abalada estrutura da nossa unidade nacional aguarde para melhores dias a hora de seu renovamento."

Estas palavras do mestre do nosso liberalismo têm perto de meio século, mas não envelheceram, antes conservam, em profundidade, a sua frescura. O seu conceito tem atualidade, talvez mais atualidade agora do que ontem, proferidas que foram em momento de refrega partidária. Rui rondava as portas dos quartéis em busca de solidariedade que julgava necessária à sua campanha. Fazia-o, entretanto, em termos construtivos, e pretendia contar com a presença de um Exército unido, sem o qual o país não sobreviveria às ameaças catastróficas. Os tempos mudaram. Diferentes e mais solertes são os métodos de aliciamento e de subversão. E a idéia que deve prevalecer neste instante é a de que sem o Exército coeso em tórno da Constituição e do sistema que a ditou, o Brasil corre o risco do seu desaparecimento como Nação. Ele fundou a República e depois de libertá-la nas primeiras tentativas de sua destruição entregou-a à Ordem civil que a vem dirigindo há setenta e quatro anos. Aquêles que a implantaram nunca pretenderam servir-se dela para a criação de tiranias, a exemplo do que nos acostumamos a ver nas vizinhanças no Continente. Serviram e servem a ela com devotamento e desprendimento heróico. Com êles, teremos o caminho aberto ao trabalho pacífico e fecundo, os lares garantidos na sua integridade, a propriedade intangível, o direito de conquistar livremente um lugar ao sol à sombra da lei. Sem êles, sem êsses tremendos guardiães da nossa tranquilidade, nenhuma esperança nos restará senão aquela dos condenados ao opróbrio, ao vilipêndio, à infâmia da escravidão, legando aos nossos descendentes a única herança que deixam à posteridade os que não agem na hora própria: o clamor e a maldição das vítimas aos que não se opuseram como deviam ao império dos carrascos.